



VENEZUELA

María Corina Machado assegura que nada muda com a saída de Edmundo González para a Espanha e reafirma a posição de presidente eleito do aliado político. De Madri, ex-diplomata atribui decisão ao desejo de transformar a nação e defende diálogo

Opositora promete manter a luta no país

» RODRIGO CRAVEIRO

Thomas Coex/AFP



No cartaz, a imagem de Maduro e as palavras "Assassino da Venezuela": ato em aeroporto militar de Madri, onde Edmundo desembarcou

Um dia depois do desembarque de Edmundo González Urrutia em Madri, candidato nas eleições presidenciais da Venezuela, a líder opositora María Corina Machado descartou mudanças na natureza da luta contra o regime de Nicolás Maduro. "A urgência se mantém, a legitimidade se mantém, e a estratégia se mantém", assegurou. "Se algo muda com a saída de Edmundo, de uma perspectiva que possa aumentar o risco para mim, eu não sei, mas de qualquer forma, eu decidi permanecer na Venezuela e acompanhar a luta daqui, enquanto ele faz isso de fora", acrescentou. "Todos sabemos que Edmundo González Urrutia é o presidente eleito da Venezuela. E ele será, seja na Venezuela ou em qualquer parte do mundo."

María Corina convocou os cerca de 280 mil venezuelanos que vivem na Espanha e os espanhóis para uma grande manifestação, na Praça das Cortes, em Madri, para "reivindicar o mandato de 28 de julho" — uma referência à data das eleições presidenciais da Venezuela, que a oposição insiste ter conquistado uma vitória.

Por meio de carta (leia nesta página), o ex-diplomata Edmundo González, 75 anos, alvo de mandado de prisão expedido pelo regime de Maduro, buscou justificar a saída da Venezuela. "Tomei essa decisão pensando na Venezuela e no fato de que, nosso destino, enquanto país, não pode, não deve ser, o de um conflito de dor e de sofrimento", escreveu. "Eu o fiz para que as coisas mudem e construamos uma etapa nossa para a Venezuela." Segundo Edmundo, seu compromisso não se baseia em ambição pessoal. Ele frisou que somente a política do diálogo pode fazer com que os venezuelanos se reencontrem como compatriotas.

O ministro das Relações Exteriores da Espanha, José Manuel Albares, confirmou que Edmundo González receberá asilo. O opositor venezuelano deverá se encontrar na quinta-feira com o primeiro-ministro Pedro Sánchez e somente depois falará à imprensa. Albares esclareceu que não houve contrapartida da Espanha para o asilo. "A Espanha não reconhece a vitória de Maduro (nas eleições de 28 de julho)", reafirmou.

Na clandestinidade desde 30 de julho, Edmundo González esteve abrigado por um tempo na Embaixada da Holanda, em Caracas, antes de se transferir para a representação da Espanha em 5 de setembro. Os Estados Unidos, a União Europeia e a Organização dos Estados Americanos (OEA) lastimaram o "exílio forçado" do líder opositor. Por sua vez, a Colômbia lamentou a saída de Edmundo da Venezuela e destacou o acordo dos governos de Madri e de Caracas para garantir o asilo político.

Voz do exílio

Arquivo Pessoal



"María Corina Machado esteve à frente da campanha eleitoral, a qual a legítima como líder opositora reconhecida, assim como Edmundo González. Agora, o regime tratará de ampliar a caçada a María Corina. Ela está nas mãos de Deus, saberá como se cuidar e como se proteger para seguir à frente da resistência dos venezuelanos."

Antonio Ledezma, ex-prefeito de Caracas exilado em Madri e coordenador do Conselho Político Internacional de María Corina Machado

O **Correio** entrevistou um dos líderes da oposição que se exilaram na Espanha. Capturado em 2017, o ex-prefeito de Caracas Antonio Ledezma se refugiou em Madri, depois de obter a prisão domiciliar. Para ele, o regime venezuelano não sai fortalecido com a partida de Edmundo. "Maduro não passa de um artifice do terrorismo de Estado. Tanto

María Cecilia Peña



Decidi permanecer na Venezuela e acompanhar a luta daqui, enquanto Edmundo faz isso de fora"

María Corina Machado, líder opositora venezuelana

que precisou do extremo do governo da Espanha ter que resgatar o presidente eleito (Edmundo) ante ameaças que colocavam a vida dele em risco", comentou. "Maduro terá que suportar o peso do que significa Edmundo percorrendo o mundo, na estratégia de defender a vitória de 28 de julho", acrescentou. Questionado sobre a possibilidade

de a oposição depender de um levante militar para derrubar Maduro, Ledezma — coordenador do Conselho Político Internacional de María Corina Machado — ressaltou que o que ocorreu na Venezuela foi uma sublevação civil. "Milhões de venezuelanos saíram para votar, em 28 de julho. Pedimos às Forças Armadas venezuelanas e aos militares que façam respeitar a soberania popular, assim como está escrito no artigo 5º da Constituição Nacional."

Fortaleza inexistente

Professor de ciência política da Universidad Central de Venezuela (UCV), Jose Vicente Carrasquero Aumaitre negou que a oposição saia enfraquecida com o asilo político de Edmundo González. "Ele é o candidato presidencial eleito. A fortaleza de Maduro não existe. Ela está apenas na capacidade de administrar a violência. Maduro não é, hoje, mais popular do que no dia das eleições: não conta com o apoio de 20% da população", disse à reportagem. O estudioso avalia que Edmundo terá mais capacidade de ação fora da Venezuela, com a possibilidade de comandar reuniões, visitar países e demonstrar sua causa. "Maduro cometeu um erro. Agora, ele terá que lidar com Edmundo apresentando as atas de apuração no exterior e explicando o processo eleitoral. A saída de Edmundo, na qualidade de asilado político, envia um sinal negativo sobre o regime de Maduro."

A carta com a justificativa

Gabriela Oraa/AFP



"QUERIDOS VENEZUELANOS!"

Decidi sair da Venezuela e me mudar para a Espanha, a cujo governo agradeço profundamente por ter me acolhido e me dado proteção. Igualmente agradeço à Embaixada da Holanda na Venezuela.

Tomei essa decisão pensando na Venezuela e em que, nosso destino, enquanto país, não pode, não deve ser, o de um conflito de dor e sofrimento. Eu o fiz pensando em minha família e em todas as famílias venezuelanas neste momento de tanta tensão e angústia.

Eu o fiz para que as coisas mudem e construamos uma etapa nova para a Venezuela.

Saibam que sempre defendi os valores democráticos de paz e de liberdade. Meu compromisso não se baseia em ambição pessoal, esta decisão é um gesto que estende a mão a todos. Sou incompatível com o ressentimento. Somente a política do diálogo pode fazer nos reencontrar como compatriotas. Somente a democracia e a realização da vontade popular podem ser o caminho para nosso futuro como país.

(...)
Quero reivindicar o trabalho e o esforço de María Corina Machado, que liderou este processo eleitoral, e da Plataforma Unitária, por seu trabalho e empenho. Muito obrigado!"

Edmundo González Urrutia
Madri, 9 de setembro de 2024

Para Aumaitre, María Corina segue como figura central da oposição. "A mobilização, a estratégia e a capacidade de chegar a um desenlace está em María Corina. Ela é a pessoa que aglutina os desejos da maioria dos venezuelanos", observou. "Essa maioria estará ao redor de uma figura que tem a capacidade de conduzir a Venezuela em um de seus piores momentos, quando um ditador decide roubar a eleição." O cientista político alertou que os militares sabem que Edmundo ganhou a votação. "Sobre eles está o peso do futuro do país. Falo de militares reais, não de delinquentes, que se colocaram a serviço do partido governista. É possível uma ruptura militar."

REINO UNIDO

Kate Middleton anuncia o fim do tratamento contra câncer

Will Warr/Palácio de Kensington/AFP



Kate com o marido, príncipe William, e os filhos: "Meu caminho para a cura é longo"

A princesa britânica Catherine (Kate) Middleton anunciou a conclusão da quimioterapia, depois de ter sido diagnosticada com câncer no começo do ano. "Quero expressar o alívio de ter finalmente concluído a quimioterapia", disse a princesa de Gales, esposa do herdeiro do trono britânico, o príncipe William, em um comunicado nas redes sociais. Junto a fotos em que aparece com o marido e os filhos, e caminhando por um campo, ela deixou uma mensagem publicada no Instagram em que qualifica os últimos nove meses como "extremamente difíceis". "Embora a quimioterapia tenha terminado, meu caminho para a cura e recuperação total é longo, e continuarei enfrentando cada dia", escreveu Kate.

Apesar do longo caminho que a espera, a princesa expressa na mensagem o

seu "desejo de voltar ao trabalho e assumir mais alguns compromissos públicos nos próximos meses, quando puder". "A vida como a conhecemos pode mudar em um instante, e precisamos encontrar uma maneira de navegar em águas tempestuosas e caminhos desconhecidos", acrescenta a princesa.

Kate também destaca que seu objetivo, agora, é "fazer o que puder para permanecer livre do câncer". Em 22 de março, Catherine anunciou que havia sido diagnosticada com câncer, sobre o qual não deu detalhes, e que realizava quimioterapia preventiva, encerrando dois meses de especulações sobre seu estado de saúde e de desaparecimento após uma cirurgia "abdominal". Foi o segundo golpe para a família real britânica, menos de dois meses depois do

rei Charles III, de 75 anos, ter sido diagnosticado com câncer. O rei anunciou sua doença em 5 de fevereiro.

A mensagem de Catherine chega quase três meses depois de sua primeira aparição oficial desde o anúncio da doença, por ocasião do desfile do aniversário de Charles III, em meados de junho. A princesa de Gales confirmou presença no evento um dia antes. "Meu tratamento continua e vai continuar por mais alguns meses. Nos dias ruins, você se sente fraco, cansado e tem que deixar o corpo descansar. Mas, nos bons, quando se sente mais forte, quer aproveitar ao máximo e se sentir bem", escreveu ela na ocasião. Um mês depois, em 14 de julho, a princesa fez sua segunda aparição pública, na final masculina do torneio de tênis de Londres em Wimbledon.